

Hannah Arendt e Valles...

Depois de Arendt ter escrito sobre Totalitarismo pode pensar-se que não há mais nada a dizer. Em geral é assim. Hannah foi uma investigadora tremenda, uma pensadora invulgar, uma Filósofa Judia que não teve problemas em dizer que houve líderes judeus que colaboraram com os nazis durante o Holocausto. A propósito de um documentário passado na televisão pública portuguesa, ocorre-me que algumas sínteses são importantes. O Totalitarismo é o absurdo orquestrado, de cumprimento mandatário, podendo os recalcitrantes ser severamente punidos, até com a morte. Restam questões... Como racionalizar o absurdo, mesmo para o “cumprir”? É absurdo! E os orquestrados não podem mudar a “música”; normalmente só o maestro-mor o pode fazer. Joga-se andebol com os pés e continua a ser andebol? Aplica-se o ditado “preso por ter cão ou... por não ter”. O maestro-mor tem sempre razão, mesmo que as suas ideias “razoáveis” mudem completamente. Uma velha piada sobre o Gulag é ilustrativa. Três presos perguntam “por que estás aqui?” Um diz que criticou o Pavel; outro diz que elogiou o Pavel; o terceiro exclama – Eu sou o Pavel!

Nas sociedades contemporâneas persistem o pensamento mitológico e os comportamentos totalitários. No imediato não se consegue dizer mais que banalidades porque não temos dados para analisar.

Para a História, é preciso deixar passar 50 anos até poder fazer um relato mais objetivo, mas também já por isso, muitas vezes, “diluído”.

Como sintetizou Edgar Morin, o Homem é “Sapiens” mas é também “Demens”.

A maioria dos líderes políticos do planeta são idosos doentes. Sucede numa altura em que os mais importantes problemas só seriam abordados se existisse um verdadeiro governo mundial, mas estamos cada vez mais longe disso. Enquanto uns pagam coercivamente as imparidades da banca, na maioria privada, porque “é o que temos”, outros matam e morrem sem saber porquê. Como cantou Geraldo Vandré “uma antiga lição: viver pela pátria, morrer sem razão”.

Carlos Mota, 2022.